

# Ouro e heróis nas representações da Inconfidência Mineira

**THAIS NÍVIA DE LIMA E FONSECA**  
*Doutora em História Social (USP)*  
*Profa. Titular do Unicentro Newton Paiva*

**RESUMO** Este artigo analisa a circulação de algumas representações da história de Minas Gerais no período colonial, principalmente da Inconfidência Mineira e de Tiradentes, através de textos e imagens presentes nos livros didáticos de História utilizados no Brasil desde o início do século XX. Procura-se conectar a historiografia, os textos escolares e a produção artística sobre o tema em foco.

**ABSTRACT** This article analyzes the circulation of some Minas Gerais historical representations at the colonial times, specially the ones about Tiradentes and the Inconfidência Mineira. This study is based on texts and pictures that have been found in History books used in Brazil since the beginning of the Twentieth Century. It intends to connect the historiography, the school texts and the artistic production about the aimed subject.

**Palavras-chave:** Inconfidência Mineira; Representações; Livros Didáticos; Arte; Historiografia

*No Brasil havia várias minas de ouro. Este ouro era levado para Portugal. Todo o povo de Portugal vivia unicamente às custas do ouro do Brasil. Portugal estava oprimindo muito o Brasil: fazendo com que brotasse uma veia de revolta em cada coração.*

*Um punhado de homens conspiravam contra o governo português. Tomavam parte na conspiração os poetas Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, o desembargador e poeta Tomas Antônio Gonzaga, o cônego Vieira da Silva, os padres Manuel Rodrigues da Costa, Oliveira Rolim e muitos outros homens ilustres. O chefe dessa conspiração era o alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), um dos principais vultos da nossa história. Ficou combinado que no dia em que o visconde de Barbacena, governador de Minas Gerais, cobrasse os impostos atrasados, rebentaria a revolução.*

*Tomava parte na conspiração o português Joaquim Silvério dos Reis. Este que era de um caráter mau, logo que soube do segredo da conspiração, tratou de fazer negócio com o mesmo.*

*Como devia ao governo um dinheiro, e querendo livrar-se das dívidas foi revelar o "segredo" ao governador.*

*Tiradentes, querendo atrair o povo do Rio de Janeiro para tomar parte na revolução para lá partiu sendo acompanhado às escondidas por Joaquim Silvério dos Reis.*

*Logo após ter chegado ao Rio, Tiradentes foi preso. Os outros inconfidentes também foram presos, despojados de todos os bens e enviados algemados para o Rio. No dia 21 de abril de 1792 Tiradentes foi levado à forca.*

*Tiradentes foi enforcado, seu corpo esquartejado e colocado em vários lugares de Minas.*

*Tiradentes morreu, mas sua idéia continuou vivendo. Trinta anos depois da sua morte a Independência do Brasil foi proclamada por D. Pedro I.*

*Assim foi a vida de Tiradentes que viveu, lutou e... mais tarde venceu.<sup>1</sup>*

Esse texto, escrito por uma aluna de uma escola primária de Belo Horizonte, em 1949, foi um dos vencedores do concurso de desenhos e composições sobre a Inconfidência Mineira, promovido naquele ano pelo jornal *Estado de Minas*. Muito comuns nessa época, esses concursos contavam, em geral, com a participação de alunos de escolas públicas de várias cidades de Minas Gerais, e acabavam por envolver também

---

<sup>1</sup> "A rebelião de Vila Rica". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p.4

pais e professores. Publicados com destaque em edições especiais de domingo, as composições e os desenhos premiados têm estado esquecidos há décadas, passando ao largo dos olhos dos pesquisadores que manuseiam as páginas amareladas desses jornais. Poucos se dão conta de como essas fontes são valiosas para as pesquisas sobre as leituras escolares e sobre as representações da História do Brasil construídas ou reconstruídas nas salas de aula e difundidas pelos meios de comunicação. Uma história carregada de belas imagens, de vultos heróicos, de ufanismo romântico, de lições de amor à pátria e de bons exemplos de conduta moral.<sup>2</sup>

Interessante a composição desta menina, que atendendo ao apelo do Tio Mário, redator da seção infantil do jornal, intitulou seu trabalho de *A Rebelião de Vila Rica*<sup>3</sup>. E na sua redação de criança deixou transparecer uma série de imagens sobre o século XVIII mineiro que, forjadas entre o final do século XIX e o início do XX, ainda encontram fôlego em nossos dias. A composição reflete as práticas de leitura presentes nas escolas brasileiras durante boa parte do século XX, marcadas pela presença constante e poderosa dos livros didáticos, pelo direcionamento da interpretação pelo professor e, por vezes, pelos objetivos nacionalistas e moralistas do ensino.<sup>4</sup> Através dela pode-se vislumbrar, ainda, a influência de uma “história visual”, disseminada principalmente através da reprodução, nos livros didáticos, de pinturas históricas representando episódios considerados singulares. Tratadas como recursos didáti-

2 Dentre as várias composições participantes desse concurso, escolhi as que me pareceram menos influenciadas pela linguagem adulta, mas claramente influenciadas pelas leituras escolares. A maioria das composições participantes, especialmente aquelas que foram premiadas, apresentam uma estrutura textual complexa, se considerada a faixa etária e o nível de escolaridade declarados de seus autores. É um indício da participação de adultos — pais ou professores — na elaboração das composições. Aproveito para esclarecer que usarei o termo *composição* — apesar de estar um tanto em desuso hoje em dia — por ser a denominação contemporânea às fontes utilizadas neste texto.

3 Alguns dias depois de anunciado o concurso, Tio Mário escreveu um artigo no qual conclamava os prováveis participantes a não utilizarem a denominação *Inconfidência Mineira*, e sim, *Rebelião de Minas*. Para ele, usar *Inconfidência* seria admitir a culpa dos nossos patricios que, ao contrário, merecem a nossa mais viva admiração pois se lançaram contra os exploradores do povo e sonharam um Brasil rico e forte. (Tio Mário aos seus sobrinhos. *Estado de Minas*, 3 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4). A autora da composição, na verdade, utilizou a denominação mais corrente de uma outra revolta, também conhecida como *Revolta* ou *Rebelião de Felipe dos Santos*. Essa mistura é um indício do resultado do trabalho da historiografia tradicional e dos livros didáticos, que analisam esses dois eventos como sendo um a continuidade do outro, na luta pela liberdade. Como ambos têm Vila Rica como cenário principal, não seria incomum a ocorrência, entre os jovens estudantes, de uma confusão como esta.

4 Nacionalismo e moralismo são dois elementos de peso nos livros didáticos da primeira metade do século XX. Como metas do ensino de História e constantes nos programas oficiais, eles costumavam ser explicitados nos prefácios ou nas introduções dos livros. Um deles afirma, por exemplo, que *na História do Brasil que vamos estudar, verificaremos que os nossos grandes homens, os que construíram a Nação pelas armas, pela política, e pelo apostolado, eram homens de fé, homens de virtudes e de grande nobreza de alma*. (VIANA, Artur Gaspar. Prefácio. In: *História do Brasil para a 3ª série ginasial*. São Paulo: Editora do Brasil, 1944). Quanto às práticas do ensino de História, especialmente no tocante à leitura e aos usos do livro didático, constata-se a permanência, nos dias atuais, de práticas tradicionais, remanescentes do início do século XX. Numa pesquisa realizada em escolas privadas de Belo Horizonte, em 1995, constatei a sobrevivência dessas práticas, que se imaginava sepultadas por programas e por abordagens inovadoras. Ver resultados e análise dessa pesquisa em FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *Os combates pelo ensino de História*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 1996 (Dissertação de Mestrado em Educação).

cos indispensáveis ao ensino de História, desde o século XIX, as imagens têm ajudado a construir a memória da nação e a consolidar algumas representações de episódios e de personagens.<sup>5</sup>

Servindo-se, ainda, de um elemento comum no universo infantil — o desenho — o jornal acabou por revelar, através do concurso, algumas das bases formadoras do conhecimento histórico difundido pela escola e que constituem, a meu ver, parte importante da memória e da identidade nacionais construídas a partir do século XIX. Na mesma edição do jornal, publicados ao lado das composições, estão os desenhos premiados. Os jovens desenhistas, instados a ilustrarem o tema da Inconfidência Mineira, optaram pelo personagem que a simboliza: Tiradentes. Todos eles, em maior ou menor grau, inspiraram-se em algumas obras de pintores brasileiros, provavelmente vistas em seus livros didáticos. Mas a força das imagens não se restringe aos desenhos dos meninos e às suas influências, emanando, também, das próprias composições.

As representações presentes nas composições e nos desenhos têm no livro didático uma de suas mais importantes matrizes, uma vez que estes têm sido instrumentos fundamentais na divulgação e na consolidação de determinadas imagens da História do Brasil. Desde a segunda metade do século XIX esses livros têm fixado uma representação do século XVIII mineiro que até hoje permanece, manifestando-se na imprensa, nas novelas de TV, no carnaval e em outras formas de expressão cultural. São representações construídas em torno de ouro e de heróis, elementos fundantes de uma epopéia que marcaria o nascedouro da nação brasileira, não como no incipiente nativismo do século XVII, mas como o alvorecer da riqueza material e intelectual de um povo. Síntese dessa representação, a história da Inconfidência Mineira e de seus personagens aparece, nos livros didáticos, como o alicerce do espírito cívico e libertário da nação. Dela faz-se uma leitura que formou gerações e deitou raízes profundas no imaginário dos brasileiros sobre sua história e sobre si mesmos.

A lógica narrativa da composição da jovem estudante revela a sua estrutura romântica, e sua linguagem infantil a aproxima do conto de fadas, também ele muito presente na escola, sobretudo no ensino primário. Nesse tipo de narrativa, um vilão, geralmente provido de grande poder, oprime alguém ou algum grupo, que acaba por encontrar uma forma de se libertar. A libertação vem, em geral, nas mãos de um herói moralmente puro, que sofre em nome de sua causa, supera obstáculos

---

5 Sobre o papel das imagens no ensino de História ver: FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação. In: SIMAN, Lana Mara de Castro & FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (orgs). *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens da identidade nacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

e, no fim, alcança a vitória. Na narrativa da menina, todos esses ingredientes aparecem transpostos para os principais elementos da história da Inconfidência Mineira, segundo o padrão dos textos escolares da época, mas também segundo os procedimentos de leitura adotados nas salas de aula. Essas práticas não se restringiam aos textos de História, repetindo-se em outros, como por exemplo, de Literatura. Em estudo sobre as leituras escolares, Raquel Fonseca afirma que

*a técnica literária empregada usualmente por professores e compêndios didáticos, principalmente os do antigo ensino primário, utiliza a narrativa no imperfeito do indicativo, à moda de um conto romântico, na tentativa de envolver o leitor/aluno no discurso do texto/autor. Dessa forma, narrando um fato histórico real, longe do presente vivido pelos alunos, um texto com “pintura” romântica conduz o leitor/aluno a determinada postura emocional. (...) A recepção do texto pelo leitor/aluno torna-se eficaz quando nele se desperta a lembrança do já lido, pois que a sua enciclopédia de vida já conhece a narrativa romântica de contos de fadas, estruturada com heróis, vilões e desfechos grandiosos. Assim, não só o discurso histórico vem trazer ideologias, mas a própria estrutura do texto, enquanto elaboração lingüística, é uma elaboração imaginária.<sup>6</sup>*

Assim, a jovem estudante, em sua composição, começa por definir o movimento, identificando as razões que levaram à conspiração, aponta os principais participantes e destaca a chefia exercida por Tiradentes. Na primeira parte, o Brasil e os brasileiros aparecem como as vítimas exploradas pela ganância portuguesa, que leva para fora toda a nossa riqueza em ouro. Esse fato, percebido pelos homens ilustres da terra, será a principal razão da conspiração em Minas Gerais. O português, naquele momento um inimigo dos brasileiros — já imbuídos do nascente sentimento patriótico —, precisa ser combatido e, se possível, eliminado. O sofrimento e a opressão aparecem como elementos de união, já prenunciando a disposição dos brasileiros para a unidade e para a cooperação.

Em seguida, a menina destaca um elemento tido como importante para o movimento, que é a data em que ele seria deflagrado. Essa informação confirma as causas da conspiração, ligadas ao problema da cobrança dos impostos. A delação de Silvério dos Reis, parte importante do drama da Inconfidência, não passa despercebida, mas note-se o

6 FONSECA, Raquel Maria de Lima e. *Narrativa romântica e práticas de leitura escolar*. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2000. p. 1 (mimeo).

sintomático acento dado à nacionalidade do traidor. Na conclusão, o desfecho da história, com o enforcamento e o esquartejamento de Tiradentes, ajuda a explicar porque o movimento não foi bem sucedido, graças à traição de Silvério dos Reis. Todavia, a estudante ainda valoriza o fracasso, ressaltando que as idéias não morrem, e que a independência do Brasil não tardou a acontecer, demonstrando a vitória póstuma do herói.

A narrativa da menina obedece à estrutura dos textos escolares da época, baseados, por sua vez, numa historiografia da Inconfidência Mineira elaborada a partir da cronologia dos fatos estabelecida pelos Autos de Devassa.<sup>7</sup> A idéia de revolta tem aqui um papel importante, pois é o elemento central a explicar, para essa historiografia, as reações às ações da metrópole, os motivos da conspiração e, no limite, o caráter libertário do povo mineiro. Os portugueses seriam detestáveis, vivendo *unicamente às custas do ouro do Brasil* e a opressão fez brotar a revolta. Na composição de um menino da cidade de Barão de Cocais (MG), verifica-se a mesma idéia:

*Em Minas Gerais houve uma revolução em 1789. Essa revolta foi para libertar o Brasil do domínio português. Em Vila Rica havia grande entusiasmo pela liberdade. Os portugueses não eram gratos aos brasileiros; então Tiradentes reuniu vários companheiros para combinarem um plano: conseguir a liberdade sem luta.<sup>8</sup>*

Em outra composição, as idéias de opressão, revolta e liberdade foram mais fortemente explicitadas, por um menino da cidade de Dores do Indaiá (MG):

*O povo brasileiro, naquele tempo, vivia muito oprimido pelo governo português. A escravidão era completa no Brasil. Pela menor falta que cometesse, o brasileiro era severamente repreendido pelos portugueses, e depois ia gemer na prisão o resto da vida. (...) No coração dos brasileiros foi, então, crescendo a ânsia, a vontade de sair do domínio português. O povo, pouco a pouco, foi vendo a necessidade de uma independência, de uma separação do Brasil de Portugal.<sup>9</sup>*

7 As primeiras obras historiográficas sobre a Inconfidência Mineira, tomando os Autos de Devassa como fonte fundamental, acabaram por utilizar a cronologia por ela estabelecida, segundo a lógica de um processo judicial. Ver: SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 2v. (A primeira edição é de 1873); SANTOS, Lúcio José dos. *A Inconfidência Mineira — Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972. (A primeira edição é de 1927). Essa segunda obra exerceu maior influência sobre a linha de interpretação ufanista e exaltadora republicana.

8 "Tiradentes". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

9 "A Inconfidência Mineira". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

Esses textos infantis carregam alguns elementos de larga influência em nossa “cultura historiográfica”.<sup>10</sup> Além da visão maniqueísta, eles tratam a população do setecentos como um todo homogêneo, como *brasileiros*, como já constituindo uma nação. Junto à idéia de homogeneidade, aparece a de unidade, alimentada pelo sofrimento e pelo ódio aos portugueses.<sup>11</sup> Também é clara a perspectiva evolucionista e determinista. A opressão colonial não poderia ter outro resultado que não a reação contra os opressores. E dessa reação adviria, necessariamente, a independência. Se ela não aconteceu em 1789, não tardaria, e o sonho dos inconfidentes seria finalmente realizado, em 1822. Mas é notável, também, a presença da noção de “luta pacífica”. O estudante de Barão de Cocais chega a falar na conquista da liberdade sem luta. Essa é uma idéia cara a uma vertente da historiografia tradicional, e que encontrou no ensino um de seus mais eficazes difusores. A história do Brasil seria marcada pela ausência ou quase ausência de conflitos. A vocação histórica dos brasileiros para a conciliação nos teria poupado das lutas intestinas e da fragmentação política. Nossa unidade nacional fora conquistada exatamente pela capacidade de resolução dos conflitos sem as lutas que marcaram, por exemplo, nossos vizinhos sul-americanos.

A última composição transcrita faz, ainda, uma utilização confusa da idéia de escravidão. Mesmo que tivesse sido usada em sentido figurado, acentuando o caráter opressivo da colonização portuguesa, a escravização, no texto, é uma condição comum a todos os brasileiros. Mais uma vez ressalta a idéia de uma sociedade homogênea, dividida apenas entre colonizadores e colonizados e reduzida às relações de dominação de uns sobre os outros.

Essa concepção está presente nos livros didáticos de História da primeira metade do século XX, nos quais as Minas Gerais setecentistas representariam o ponto de maturação de uma epopéia iniciada com as expedições bandeirantes. Com uma origem assim tão heróica, os mineiros não poderiam deixar de manifestar, em vários momentos, sua superioridade moral, suas inclinações patrióticas e suas atitudes honradas. Uma terra marcada pela exploração de uma riqueza tão cobiçada como

10 Sobre as características da historiografia brasileira e suas relações com a construção de uma identidade nacional ver: DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 30*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998; FREITAS, Marcos Cezar de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998; IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000; MOTA, Lourenço Dantas (org). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999; REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

11 Uma análise das interpretações acerca da colonização portuguesa no Brasil, em suas vertentes exaltadora e detratora, está em: PAIVA, Eduardo França. De português a mestiço — o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil. In: SIMAN, Lana Mara de Castro & FONSECA, Thais Nivia de Lima e (orgs). *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens da identidade nacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

o ouro, sofreria também, e por causa dele, todo o tipo de opressão por parte das autoridades lusas, pintadas nos textos escolares com cores sombrias e como protagonistas de ações draconianas. O sofrido povo mineiro desde muito cedo conviveu com grandes dificuldades, mas soube, altivamente, superá-las. Nestes livros, os conflitos só são mostrados quando se trata de lutas entre a colônia e a metrópole, e têm no ouro seu pomo de discórdia. Seria ele o responsável pelas arbitrariedades da administração portuguesa, pela cobiça que levou um inconfidente a trair seus companheiros e pelas dificuldades materiais do povo que não conseguia usufruir da riqueza por ele gerada, devido aos impostos. Vítimas, os mineiros não eram, no entanto, passivos. Reagem, e na sua reação demonstravam todo o seu brio e compromisso com a liberdade e com o desejo de autonomia. Sua reação, em várias rebeliões no século XVIII, constituiria a base da luta pela independência nacional. Um desses livros, escrito especialmente para o estudo da história de Minas Gerais, assim se expressava, ao tratar das causas da Inconfidência Mineira:

*Já vimos em lições passadas que sobre os povos da capitania de Minas Geraes pesavam innúmeros impostos, tributos onerosos, que recahiam sobre os pobres exploradores da região. (...) Incidia, além de tudo, a má administração da justiça, a tyrannia com que se tratava o povo, a ganância insaciável da metrópole, a falta de liberdade dos mineiros que oprimidos agüentavam o jugo odioso de muitos governadores déspotas e as perseguições e violências que estes commettiam. (...) Perseguido, era pois natural que o povo aspirasse a uma reacção contra os vexames que sobre elle choviam. (...) Conhecedores da situação do povo, constrangidos pela situação de seus compatriotas, alguns espíritos esclarecidos e ardorosos sonharam e ambicionaram então sacudir aquelle jugo odioso que sobre elles pesava, tornando-se independentes e autônomos, e dahi a conspiração, que aos poucos foi surgindo, e que se gravou nas páginas de nossa história com a denominação de Inconfidência Mineira.<sup>12</sup>*

Instigados assim pelo despotismo, esses *espíritos esclarecidos e ardorosos* engendraram a conspiração que, mesmo fracassada, deixou para a nação exemplos de patriotismo e heroísmo. Em relação a esse último aspecto, não haveria dúvidas quanto à preeminência do alferes Joaquim José da Silva Xavier. Segundo outro livro didático da década de 40,

<sup>12</sup> GUIMARÃES, Pedro Bernardo. *Fastos da História de Minas*. Rio de Janeiro: Papelaria Mendes Typ., 1911. p.53-55. Grifo do autor.



*este homem, que foi mascate, dentista, médico, cirurgião, militar, mineiro e engenheiro, acrescentou a todas estas qualidades que mostravam o seu imenso desejo de vencer na vida, a mais bela de todas as qualidades: a grandeza de espírito. A todos os seus títulos juntou o refulgente título de herói e, como herói, viverá eternamente no coração dos brasileiros. (...) Tiradentes, pela sua abnegação e pelo seu martírio, mereceu a coroa de glória com que a Pátria reverente o adorna nos altares da imortalidade.*<sup>13</sup>

Opressão e revolta são ainda idéias reforçadas por imagens largamente difundidas nos livros didáticos, reproduzidas como ilustrações ao tema em estudo. Uma das mais utilizadas, até os dias atuais, é o quadro de Antônio Parreiras (1860-1937), *Julgamento de Felipe dos Santos*, às vezes também identificado como *Execução de Felipe dos Santos*.<sup>14</sup> De razoável impacto visual, principalmente para crianças, o quadro mostra o revoltoso Felipe dos Santos preso diante do governador da Capitania, o célebre Conde de Assumar, no momento em que é condenado ao suplício e à morte. Vítima da opressão, Felipe dos Santos, contudo, postase altivo e provocador diante dos representantes da Coroa portuguesa. Atrás dos cavalos que supliciarão o condenado, soldados brandem suas espadas em atitude ameaçadora e o povo a tudo assiste, comprimido nos cantos da praça e nos balcões dos sobrados.

As composições das crianças mineiras expressaram essa imagem de violência da dominação portuguesa no Brasil. Apresentaram os brasileiros, já no século XVIII, como um povo imbuído de ideais de liberdade e que, heroicamente, não se curvou à opressão metropolitana. Textos didáticos “coloridos” pela reprodução de pinturas como a de Antônio Parreiras, ajudaram a sedimentar essa interpretação marcada pelo discurso nacionalista e patriótico, fundamentada, evidentemente, nas diretrizes educacionais das décadas de 30 e 40 do século XX, em referências historiográficas específicas, mas também expressando valores do universo cultural brasileiro. Nela predomina uma visão maniqueísta da História, onde mocinhos e bandidos, heróis e vilões se batem em nome da justiça e dos nobres ideais. Opõem-se brasileiros e portugueses, como vítimas e algozes, no incitamento a um sentimento ufanista romântico.

Antônio Parreiras pode ainda ser evocado com outra de suas obras, também muito freqüente nos livros didáticos, e que igualmente subsidia

13 GOMES, Alfredo. *História do Brasil (Do descobrimento até a Independência) para a 3ª série do curso ginasial*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1943. p. 106;108.

14 A obra data de 1923 e pertence à Coleção Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Tem sido reproduzida em livros didáticos de História desde, pelo menos, a década de 20 do século XX, como se pode ver, por exemplo, em POMBO, Rocha. *História do Brasil para o ensino secundário*. 19. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. (Esta edição, com base na de 1918, é provavelmente da segunda metade da década de 20).

as narrativas das composições premiadas pelo *Estado de Minas*. Trata-se do célebre *Jornada dos Mártires*<sup>15</sup>, uma das obras mais reproduzidas em livros didáticos em todo o século XX.<sup>16</sup> A cena (na verdade fictícia) de todos os inconfidentes sendo conduzidos juntos à prisão, acorrentados, vencidos e humilhados, certamente vem despertando sentimentos de desolação e piedade. A menina de Belo Horizonte não se esqueceu dessa imagem, e em sua composição explica que, depois da prisão de Tiradentes no Rio de Janeiro (ele é o único a não aparecer no quadro de Parreiras), *os outros inconfidentes também foram presos, despojados de todos os bens e enviados algemados para o Rio*.<sup>17</sup>

Na perspectiva interpretativa aqui considerada, a luta contra a opressão, materializada na revolta, acaba por produzir o herói que, em geral, assume a posição de liderança. É que o que se lê na composição citada acima, que atribuiu a Tiradentes, sem evasivas, a chefia da conspiração. O menino de Dores do Indaiá elaborou um dos textos mais interessantes e entusiasmados a este respeito:

*Entretanto, faltava quem desse o grito de revolta, o grito que fizesse com que os brasileiros se unissem num só ideal, num só objetivo. Faltava quem fosse guiar, quem fosse conduzir os brasileiros naquele movimento tão nobre de libertação. E eis que, do centro da terra brasileira, do coração do Brasil, surge uma figura heróica e destemida que iria conduzir os passos do brasileiro naquela conspiração. Tiradentes! Eis o nome desse herói. Um herói que brilhou na História Pátria, que acendeu nos corações brasileiros a chama da liberdade.*<sup>18</sup>

O entusiasmo desse garoto era compartilhado por outro, que venceu em primeiro lugar o concurso de desenhos. A representação por ele feita, intitulada *O amanhecer da liberdade*, traz no centro a cabeça de um Tiradentes-Cristo, colocada ao pé de uma forca, de onde pende o baraço. Ao fundo, por trás das montanhas, ergue-se um radiante sol — a liberdade — nascendo para todos os brasileiros, mas também aparecendo por sobre a cabeça do Tiradentes-Cristo, como uma santa auréola. É o herói *que brilhou na História Pátria*, conforme a composição do

15 A obra data de 1928 e pertence ao acervo do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora (MG).

16 Em um levantamento feito em 35 livros didáticos e paradidáticos de História, publicados espaçadamente entre 1918 e 2000, o *Jornada dos Mártires* apareceu em 20% deles, ficando em quarto lugar junto das obras *Julgamento de Felipe dos Santos*, também de Antônio Parreiras e *Leitura da Sentença*, de Eduardo de Sá. Os três primeiros foram *Independência ou Morte*, de Pedro Américo (38%), *Fundação da Vila de São Vicente*, de Benedito Calixto (36%) e *A partida da monção*, de Almeida Júnior (23%).

17 "A rebelião de Vila Rica". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, abril de 1949. Caderno Gurilândia. Segunda Seção, p.4.

18 "A Inconfidência Mineira". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

estudante dorense. Mas essa representação tem também sua matriz, geradora de elementos simbólicos que ajudam na construção das imagens do mártir da Inconfidência Mineira. Neste caso, as aproximações nos levam ao quadro *Tiradentes*, de Autran<sup>19</sup>, desmedidamente copiado e recriado. No quadro, Tiradentes aparece da cabeça até o peito, de perfil, barba e cabelos longos, baraço ao pescoço, vestido com a alva da execução. Ao fundo, as azuladas montanhas de Minas e, no horizonte, envolta num halo diáfano, o triângulo da bandeira inconfidente, com a divisa *Libertas Quæ Sera Tamen*. É em quase tudo semelhante ao desenho feito pelo jovem mineiro, que conseguiu dar à sua representação uma conotação mais sacralizada do que a do próprio pintor.

A obra de Autran, recriada pelo artista A. Delphino em 1937, tornou-se, a partir dessa data, o retrato oficial a ser colocado, obrigatoriamente, em todos os quartéis da Força Pública de Minas Gerais, por determinação de decreto do então governador do estado, Benedito Valadares.<sup>20</sup> Também era freqüente nas paredes das salas de aula das escolas públicas mineiras desta época, sendo, portanto, uma referência familiar aos estudantes primários e secundários. E sua recriação deu a um garoto de Ouro Preto o segundo lugar no concurso do jornal *Estado de Minas*. Mais simplificado, sem o cenário de fundo, com os olhos claros, mas a mesma figura idealizada por Autran.

O herói líder tem no seu sacrifício um dos emblemas de sua luta pela liberdade. Não admira que o episódio de sua execução seja, assim, valorizado na celebração cívica, qualquer que seja a sua natureza. Dos nove desenhos vencedores do concurso e publicados no jornal, sete fizeram menção direta ou indireta ao enforcamento de Tiradentes. Dois representaram o alferes a partir do modelo já mencionado e três representaram o momento da própria execução, apropriando-se de uma mesma pintura, o *Martírio de Tiradentes*<sup>21</sup>, de Aurélio de Figueiredo (1854-1916). À primeira vista seriam apenas cópias do quadro, mas uma observação atenta mostra pequenas, mas significativas alterações. A pintura apresenta Tiradentes no cadafalso, vestido com a alva dos conde-

19 A referência que obtive sobre esta obra está em *Tiradentes. Grandes Personagens da Nossa História*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Os editores informam que o quadro pertence ao acervo da Vila Militar, no Rio de Janeiro.

20 O retrato oficial original, acompanhado de cópia do decreto, pertence ao Museu Histórico da Polícia Militar de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

21 Esta obra foi pintada em 1893 e pertence ao acervo do Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro. A cena representada por Aurélio de Figueiredo está referenciada em documentos trabalhados, pela primeira vez, em 1873, por SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 2v. Esses documentos são os relatos de dois frades que estiveram presentes à execução de Tiradentes: *Memórias do êxito que teve a conjuração de Minas e dos fatos relativos a ela acontecidos nesta cidade do Rio de Janeiro desde 17 até 26 de abril de 1792*, atribuída ao Frei José Carlos de Jesus Maria do Desterro, e *Últimos momentos dos Inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu em confissão*, do Frei Raimundo da Anunciação Penaforte. Estes documentos estão publicados em *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais; Brasília: Câmara dos Deputados, 1977. v.9.

nados, com as mãos cruzadas, mirando o horizonte. Ao seu lado direito, ajoelhado, um frade faz sua pregação, estendendo-lhe o crucifixo. Ao seu lado esquerdo, o carrasco, negro, também ajoelhado, cobre o rosto com as mãos, numa atitude interpretada por alguns como estado de oração, e por outros como manifestação de horror. Corvos aparecem no céu, anunciando a morte próxima e uma pomba branca se avizinha, sob o cadafalso, prenunciando o futuro de liberdade e de paz.

A pintura foi, na essência, refeita pelas crianças, embora todas elas tenham excluído os detalhes dos pássaros e a paisagem de fundo. Tiradentes e o frade foram mantidos, assim como parte considerável da estrutura da forca. Curioso foi o destino dado ao carrasco, desaparecido em um dos desenhos e desprovido de sua identidade étnica nos demais, sendo representado como um homem branco. Esse é um dado importante, se considerarmos que parte significativa dos textos didáticos da época não fazem menção a este personagem ou, quando o fazem, omitem sua condição de escravo e sua cor. Nenhuma das composições publicadas no jornal fez qualquer referência a ele. Quando se detiveram no momento da execução, privilegiaram, obviamente, a atitude heróica e abnegada de Joaquim José, o que não deixa de atrair o olhar, outra vez, para Aurélio de Figueiredo e seu altivo e resignado Tiradentes. O menino de Dores do Indaiá seguiu em seu entusiasmo na narrativa do enforcamento do herói:

*Entretanto, descoberta toda a conspiração, foram presos Tiradentes e todos os seus companheiros. O bravo foi então condenado à forca. E no dia 21 de abril de 1792, no Rio de Janeiro, ele, o grande mártir da liberdade, subiu, como herói que era, os degraus do cadafalso, para, pouco depois, morrer pela sua pátria, pelo ideal que abraçara e que soubera propagar e defender enquanto vivo.<sup>22</sup>*

Em outro trabalho, de uma menina de Itabira, destaca-se, outra vez, a exaltação da abnegação de Tiradentes, uma imagem construída pela historiografia, pelos livros didáticos e pela arte:

*Para ele foi decretada a forca e o esquartejamento de seu corpo. A forca foi armada no Campo da Lampadosa no Rio de Janeiro. À vista de grande número de pessoas, Tiradentes subiu ao patíbulo, sereno e calmo, na manhã de 21 de abril de 1792. Foram suas últimas palavras: "Jurei morrer pela liberdade, cumpro a minha palavra".<sup>23</sup>*

22 "A Inconfidência Mineira". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

23 "Conjuração Mineira". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

O esquartejamento de Tiradentes, embora apareça nas composições como um elemento valorizado — ele é a exibição da opressão e da violência da metrópole — não foi privilegiado pelas crianças que tiveram seus desenhos publicados pelo jornal. Apenas uma delas representou a cabeça decepada do alferes, dentro de uma gaiola colocada no alto de um poste. Este dado pode ser em parte compreendido se levarmos em conta a pequena presença, na escola, da obra de arte que mais notavelmente representou este momento, o quadro *Tiradentes Esquartejado*<sup>24</sup>, de Pedro Américo (1843-1905). Essa pintura, talvez pelo seu grande impacto, não tem tido a preferência de autores e de editores de livros didáticos, quando se trata de ilustrar o tema. É possível que, ao menos no período que estou considerando, a predominância de uma história romantizada e “asséptica” evitasse o contato visual com a brutalidade e a violência expressas de forma mais realista. Embora relativamente pouco reproduzida, a imagem do esquartejamento de Tiradentes raramente é esquecida nos textos didáticos, e também não o foi pelas crianças, em suas composições. Além da lembrança do esquartejamento, evidenciava-se a preocupação com o destino dado às partes do corpo, principalmente de sua cabeça. Na composição intitulada *A vida de Tiradentes*, outra jovem estudante procurou o detalhe na tragédia do herói:

*O corpo foi depois decapitado, esquartejado. A cabeça foi enviada para Vila Rica (Ouro Preto), e colocada num poste. Os braços foram enviados para Barbacena e Paraíba, e as pernas pregadas em postes, na estrada das Minas no sítio de Varginha. (...) A data de sua morte, 21 de abril, foi consagrada à comemoração dos precursores da independência do Brasil, pois seu sangue ao jorrar por terra, fez com que germinasse a semente, que já estava lançada: a da libertação de nossa Pátria do jugo do Portugal.*<sup>25</sup>

É quase impossível não evocar, neste momento, Olavo Bilac, frequentador assíduo das escolas brasileiras até os anos 60 do século XX, através de seus poemas laudatórios e seus compêndios cívicos, fonte de inspiração para muitos professores e estudantes da época. No texto de um desses compêndios, sugestivamente ilustrado com a obra *Martírio de Tiradentes*, de Aurélio de Figueiredo, o autor lembra às crianças que

24 Esta obra data de 1893 e pertence ao acervo do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora (MG). Na enquête já mencionada, o quadro de Pedro Américo divide o quinto lugar (18%) com as obras *Elevação da Cruz em Porto Seguro*, de Pedro Peres, *Batalha dos Guararapes*, de Victor Meireles, *Alferes Joaquim José da Silva Xavier*, de José Walsh Rodrigues e *Domingos Jorge Velho*, de Benedito Calixto.

25 “A vida de Tiradentes”. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 de abril de 1949. Gurilândia. Segunda Seção. p. 4.

*as gottas de sangue do heróe não cahiram em terreno esteril, porque a árvore de sacrificio se fez árvore de redempção, e a Republica é o fructo da semente de martyrio lançada à terra nessa manhã de Abril.*<sup>26</sup>

No movimento de circulação de imagens e de idéias, não se pode deixar de considerar a mediação exercida pelas práticas dos professores em sala de aula. A sua análise não é tarefa fácil, pois há uma incômoda escassez de fontes que nos permitam apreendê-las. Com alguma sorte, pode-se trabalhar com indícios e aproximações. Um interessante caderno de planos de aula, datado de 1958, elaborado por uma professora primária mineira, permite o estabelecimento de relações entre seus procedimentos de ensino e suas concepções de História e as elaborações dos estudantes, aqui apreendidas pelas composições e desenhos publicados no jornal. Estruturando suas aulas a partir de *explicações para a classe* e de questionários, esta professora deixou em seu caderno um sugestivo roteiro de leitura para seus alunos, que nos serve de guia para compreender um pouco melhor o material analisado neste texto, já que sua estrutura é praticamente a mesma:

*O que é Conjuração ou Inconfidência Mineira? Como se chama o chefe deste movimento e qual era o seu apelido? Quais foram os principais conjurados? Qual foi o dia combinado para este movimento? O ideal dos conjurados foi realizado? Por que? O que aconteceu a Tiradentes e aos seus companheiros? Quando e onde foi enforcado Tiradentes?*<sup>27</sup>

Mesmo que organizasse o caderno para sua própria consulta, a professora não dispensava ilustrações e não foi outra a imagem por ela escolhida, senão o célebre “retrato” oficial de Tiradentes. Essa imagem, constantemente evocada, tem cumprido o papel de tornar presente a ausência do personagem, fazendo-o retornar mais intensamente, reforçando o processo de sua monumentalização.<sup>28</sup>

As fontes aqui usadas não são todas contemporâneas, mas é possível interligá-las, pois são dimensões diversas de uma mesma perspectiva historiográfica, permeada por concepções políticas próximas em

26 O martyrio de Tiradentes. In: BILAC, Olavo e NETTO, Coelho. *Educação Moral e Civica: a Pátria Brasileira. Para os alumnos das Escolas Primarias*. 17 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924. p. 202.

27 CADERNO de apontamentos: 3º ano/3º turno. Belo Horizonte, 1958. Agradeço à Profa. Cynthia Greive Veiga (FAE-UFMG) a gentileza de me ceder esse valioso material.

28 Cf. MARIN, Louis. Introduction: L'être de l'image et son efficace. In: *Des pouvoirs de l'image*. Paris: Édition du Seuil, 1993. Ver também: CHARTIER, Roger. *Au bord de la falaise. L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998. Ver, sobre a construção da imagem heróica de Tiradentes, CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

muitos aspectos. Livros didáticos, composições, desenhos infantis, pinturas e obras historiográficas apontam para uma percepção da história da nação como obra de espíritos elevados e de atos de heroísmo, destinada a ser mais celebrada do que compreendida. Uma história de caráter sacralizado, visível, por exemplo, na interpretação dos episódios que cercam o martírio de Tiradentes, indicando as bases de um universo cultural fortemente marcado pela religião, sobretudo pelo catolicismo.

Durante décadas esta foi a tônica dos textos através dos quais se formaram milhares de brasileiros que passaram pela escola. Livros, como o de Joaquim Silva<sup>29</sup>, que em 1945 já estava em sua décima edição, ou o de Rocha Pombo<sup>30</sup>, editado desde o início do século XX, foram depositários de representações — tanto visuais quanto textuais — sobre a história do Brasil que acabaram por se constituir em verdades incontesteáveis, parte integrante do imaginário sobre o passado do país. Minas Gerais tem lugar de destaque nesta construção, pois privilegiada pelas minas de ouro e de diamantes, era a terra da riqueza fácil, embora destruidora. Exaltar a riqueza das minas não excluía destacar os malefícios causados pela ganância do ouro, o que produzia um belo discurso moralizante, muito útil à formação do cidadão cristão da primeira metade do século XX. Engrandecer os homens que, apesar de lutarem pelas riquezas minerais notabilizaram-se no combate para que elas se tornassem benefício para todos, para a nação, significava educar para a unidade contra a divisão, aspecto útil para uma tradição política autoritária e avessa à diversidade.<sup>31</sup>

Em seus primórdios, no século XIX, a historiografia brasileira e a pintura acadêmica puseram-se a trabalhar no projeto de elaboração de uma história nacional, com vistas ao engrandecimento e legitimação do Estado monárquico. Nesse esforço, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Imperial de Belas Artes agiam em consonância, sob as bençãos do imperador D. Pedro II.<sup>32</sup> No período republicano, até meados do século XX, as mesmas diretrizes continuaram a servir aos

29 SILVA, Joaquim. *História do Brasil para o terceiro ano ginasial*. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

30 POMBO, Rocha. *História do Brasil para o ensino secundário*. 19. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. (com base na edição de 1918).

31 Sobre o papel da educação moral e cívica e do ensino de História na formação deste tipo de cidadão, nas décadas de 30 e 40 do século XX, ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998; FONSECA, Thais Nívia de Lima. O livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. *XX Simpósio Nacional de História. História: Fronteiras. Associação Nacional de História*. São Paulo/Humanitas/FFLCH/USP:ANPUH, 1999. p. 203-212; FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Livro didático de História, memória e identidade nacional. *III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: escolas, culturas e identidades*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000 (No prelo); REZNIK, Luis. *Tecendo o amanhã. A história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos (1931-1945)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1992 (Dissertação de Mestrado).

32 Sobre a relação entre estas duas instituições e seu projeto nacional ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Sobre a questão da construção, pelas artes plásticas, de uma memória visual da nação, ver: CHIARELLI, Tadeu. Anotações sobre arte e história no Museu Paulista. In: FABRIS, Annateresa (org). *Arte e política: algumas possibili-*

ditames do regime, à exceção, é claro, da exaltação da monarquia. A eficácia foi, neste momento, maior, uma vez que a estruturação de um sistema de ensino centralizado, sobretudo após 1930, colaborou para a confluência de diversos mecanismos no processo de formação do cidadão adequado a este Estado.

Muitas transformações ocorreram na historiografia, nas artes, no ensino de História, desde o concurso do jornal *Estado de Minas*. Não obstante, as mesmas idéias ainda ecoam em nossos dias e, mesmo que aparentemente não despertem mais interesse, continuam a ser repetidas e, de certa forma, a fazer sentido. Assim é que, no final do século XX, ainda é possível encontrar um pequeno livro paradidático que termina desta forma sua narrativa sobre a história da Inconfidência Mineira:

*Às 11:20 horas do dia 21 de abril de 1792, o carrasco fez o serviço. Passou a corda pelo pescoço da vítima e o empurrou. Depois, subiu nos ombros de Tiradentes e forçou para baixo. A seguir, o cadáver foi esquartejado. As partes foram enfiadas em sacos de couro com bastante sal. No lombo de mulas, dividido em quatro pedaços, Tiradentes viajou de volta para a terra onde nasceu. Todavia, o morto continuou incomodando as autoridades. Sua cabeça, espetada no poste mais alto de Vila Rica, desapareceu. Suas palavras continuaram circulando pelos caminhos de Minas Gerais. Não é possível enforcar as idéias.<sup>33</sup>*

Em muito semelhante à composição da estudante do curso primário, em 1949, esse texto aponta a vivacidade das representações predominantes das Minas do século XVIII. São imagens fortemente aderidas ao imaginário e, acredito, eficazes do ponto de vista político. Não se pode perder de vista, por exemplo, o intenso uso recente, pelo governador de Minas Gerais, das referências à Inconfidência Mineira e a Tiradentes, em seu discurso de oposição ao governo federal.<sup>34</sup> A “velha”

---

*dades de leitura*. São Paulo: FAPESP; Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 21-46; CHRISTO, Maralíz de Castro Vieira. O esquartejamento de uma obra: a rejeição ao Tiradentes de Pedro Américo. *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Editora da UFJF, 1998, v.4, n.2, p. 143-166; COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (org). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 107-121; COLI, Jorge. A pintura e o olhar sobre si: Victor Meirelles e a invenção de uma história visual no século XIX brasileiro. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 375-404; MAKINO, Miyoko. Pintura no Museu Paulista. *Museu Paulista: novas leituras*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1995. p. 38-57; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. O Museu Paulista e o imaginário da independência. *Museu Paulista: novas leituras*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1995. p. 5-11; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles & MATTOS, Cláudia Valladão de (orgs). *O Brado do Ipiranga*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999.

33 BOULOS JR., Alfredo. *Tiradentes: sonho de liberdade*. São Paulo: FTD, 1991.

34 Sobre a questão da utilização dessas referências em Minas Gerais, ver: FONSECA, Thais Nívia de Lima e. A Inconfidência Mineira e o 21 de abril: discursos e representações. *Seminário Internacional Dimensões da História Cultural*. Atas. Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 1999. p. 56-65.



imagem de Tiradentes, o retrato oficializado pelo governador Benedito Valadares em 1937, voltou a ser exibido em cartazes e out-doors, na comemoração de 21 de abril de 1999. Exposições foram montadas, com seleções de obras de arte alusivas ao episódio e a seu personagem símbolo.<sup>35</sup> A importância do mito pode ser aferida, ainda, pelas recentes polêmicas sobre antigas e novas interpretações acerca da Inconfidência Mineira e do papel de Tiradentes, envolvendo historiadores, imprensa e políticos.<sup>36</sup>

Ultrapassando a fronteira das lembranças de leituras dos tempos de escola e alcançando o discurso político, os meios de comunicação e as artes plásticas, falar das Minas Gerais do setecentos significa, enfim, falar do passado de lutas gloriosas, de bravos exploradores dos sertões, de cidades pontuadas de igrejas cobertas de ouro e de heróis supliciados nas mãos das autoridades portuguesas, em defesa dos ideais de liberdade.

---

35 Ver: IMAGENS da liberdade: Inconfidência Mineira. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais. Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Clóvis Salgado, 1999 (Catálogo de Exposição, Grande Galeria do Palácio das Artes).

36 A última polêmica envolve o livro *Sociedade e História do Brasil*, de autoria de Marco Antônio Villa e editado pelo Instituto Teotônio Vilela, ligado ao PSDB, cuja abordagem é acusada, por uns, de denegrir a imagem de Tiradentes, e por outros de ser falha do ponto de vista historiográfico. Ver: "Tiradentes: mártir de Minas ou 'vilão' "? *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 2001. p.8;10.